

Joaquim Fialho • José Saragoça
M.^a da Saudade Báltazar • Marcos O. dos Santos

Coordenadores

REDES SOCIAIS

PARA UMA COMPREENSÃO
MULTIDISCIPLINAR DA SOCIEDADE



EDIÇÕES SÍLABO

REDES SOCIAIS

PARA UMA COMPREENSÃO
MULTIDISCIPLINAR
DA SOCIEDADE

Coordenadores

JOAQUIM FIALHO

JOSÉ SARAGOÇA

MARIA DA SAUDADE BALTAZAR

MARCOS OLÍMPIO DOS SANTOS

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

Referees:

António Moreira, Universidade Aberta
António Pedro Marques, Universidade de Évora
António Abrantes, Universidade do Algarve
Cristina Pereira Vieira, Universidade Aberta
Domingos Braga, Universidade de Évora
Helena Arco, Instituto Politécnico de Portalegre

FICHA TÉCNICA

Título: Redes Sociais – Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade

Autores: Vários

Coordenadores: Joaquim Fialho, José Saragoça, Maria da Saudade Baltazar,
Marcos Olímpio dos Santos

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, maio de 2018.

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 441562/18

ISBN: 978-972-618-922-0

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Introdução

A pertinência de um livro de redes sociais com uma abordagem multidisciplinar 13

Joaquim Fialho • José Saragoça • Maria da Saudade Baltazar • Marcos Olímpio dos Santos

Capítulo 1

A propósito de redes sociais – Do conceito à compreensão multidisciplinar da sociedade 19

Joaquim Fialho • José Saragoça • Maria da Saudade Baltazar • Marcos Olímpio dos Santos

- 1.1. A polissemia do conceito de rede social 20
- 1.2. A perspetiva multidisciplinar da análise de redes sociais na
(des)construção social 24

Capítulo 2

Informação, conhecimento e redes sociais no campo da saúde 29

Regina Maria Marteleto

- 2.1. Introdução 30
- 2.2. Redes e redes sociais 31
- 2.3. Informação, redes e capital social 33
- 2.4. O campo da saúde coletiva e a educação popular e saúde (EPS) 36
- 2.5. Rede de Educação Popular e Saúde (RedPopSaúde) 39

2.6. Estudando a RedPopSaúde	41
2.6.1. Elos, centralidades e relações	42
2.6.2. Rede de educação popular e saúde – expoentes	45
2.6.3. Capital social	46
2.7. Conclusões	47

Capítulo 3

Redes y relaciones sociales – El artículo de Lorrain y sus consecuencias 51

Narciso Pizarro

3.1. Introducción	52
3.2. La composición de relaciones	53
3.3. Consecuencias metodológicas de las relaciones compuestas	56
3.4. El concepto de relación social: la observación de la regularidad en los procesos	58
3.5. Sistemas sociales y reproducción social	63

Capítulo 4

A rede social como processo de governança local estratégica – Fatores críticos e recomendações a partir de um estudo sobre comissões sociais de freguesia 67

Cristina Pinto Albuquerque • Joana Vale Guerra • Jacqueline Ferreira Marques

4.1. Introdução	68
4.2. Rede social e governança local estratégica: possibilidades e limites	72
4.3. Fatores críticos dos processos de governança local e recomendações a partir de um estudo de Comissões Sociais de Freguesia	76
4.3.1. Operacionalidade e substancialidade das CSF: dados empíricos	77
4.3.2. Recomendações para efetivação de governança local estratégica	80
4.4. Considerações finais	82

2.6. Estudando a RedPopSaúde	41
2.6.1. Elos, centralidades e relações	42
2.6.2. Rede de educação popular e saúde – expoentes	45
2.6.3. Capital social	46
2.7. Conclusões	47

Capítulo 3

Redes y relaciones sociales – El artículo de Lorrain y sus consecuencias

Narciso Pizarro

3.1. Introducción	52
3.2. La composición de relaciones	53
3.3. Consecuencias metodológicas de las relaciones compuestas	56
3.4. El concepto de relación social: la observación de la regularidad en los procesos	58
3.5. Sistemas sociales y reproducción social	63

Capítulo 4

A rede social como processo de governança local estratégica – Fatores críticos e recomendações a partir de um estudo sobre comissões sociais de freguesia

Cristina Pinto Albuquerque • Joana Vale Guerra • Jacqueline Ferreira Marques

4.1. Introdução	68
4.2. Rede social e governança local estratégica: possibilidades e limites	72
4.3. Fatores críticos dos processos de governança local e recomendações a partir de um estudo de Comissões Sociais de Freguesia	76
4.3.1. Operacionalidade e substancialidade das CSF: dados empíricos	77
4.3.2. Recomendações para efetivação de governança local estratégica	80
4.4. Considerações finais	82

Capítulo 5

Redes sociais municipais e promoção de emprego

– Contributos para a construção de territórios inclusivos 85

João Emílio Alves

- 5.1. Introdução: um ponto de partida... um problema analítico...
um objeto de estudo... uma abordagem metodológica plural 86
- 5.2. Um percurso analítico-conceitual: do que falamos,
quando falamos em «redes sociais (municipais)»? 87
- 5.3. Que contributos das redes sociais municipais
para a construção de territórios inclusivos? 91
- 5.4. Conclusões 94

Capítulo 6

Usos e gratificações – Uma experiência do consumo das redes sociais digitais

97

Raquel Ferreira • Rita Espanha

- 6.1. Introdução: redes sociais digitais 98
- 6.2. Construção identitária 101
 - 6.2.1. Estratégia de participação – devoção 101
 - 6.2.2. Estratégia de participação – moderação 102
- 6.3. Vigilância 103
 - 6.3.1. Vigilância do macrocosmos 104
 - 6.3.2. Vigilância do microcosmos 105
- 6.4. Interação social 106
 - 6.4.1. Estratégia de interação: intensa, moderada e mínima 107
- 6.5. Recordação de memórias 107
- 6.6. Aprendizagem/aconselhamento 108
- 6.7. Entretenimento/gestão do humor 110
- 6.8. Variáveis não mutuamente exclusivas:
motivos e estratégias multiecrãs 111
- 6.9. Considerações finais 112

Capítulo 13

Grupos *eTwinning* – A aprendizagem entre pares na comunidade de escolas da europa 239

João José Pereira Marques • Rita Graça Zurrapa

- 13.1. Introdução 240
- 13.2. O portal *eTwinning* – espaço de colaboração 241
- 13.3. Grupos *eTwinning* – Espaço de desenvolvimento pessoal e profissional 242
 - 13.3.1. Grupos de destaque *eTwinning* 248
 - 13.3.2. Grupos *eTwinning* criados por professores para professores 248
 - 13.3.3. Grupos *eTwinning* – Percepções dos professores 249
- 13.4. Conclusão 254

Capítulo 14

Analizar los lazos débiles y fuertes en las redes sociales nacidas de un proyecto sostenible descentrado del núcleo del poder, *Crowd Recycling* 257

María Zozaya-Montes

- 14.1. Un proyecto de reciclaje quiere ser el núcleo de la red 258
- 14.2. El *habitus reciclar* de *Crowd Recycling*, sus objetivos y fuentes 259
 - 14.2.1. La vía de difusión personal en un proyecto descentrado del poder 261
 - 14.2.2. La red social virtual, vía de difusión internacional del proyecto 263
- 14.3. Analizar los *brokers* y las redes de difusión del proyecto, personal y virtual 265
 - 14.3.1. Estudiando la intensidad y el alcance de los lazos (fuertes o débiles) 267
- 14.4. Conclusión: los principales aportes de las redes divididas, virtual y personal 270

Capítulo 14

Analizar los lazos débiles y fuertes en las redes sociales nacidas de un proyecto sostenible descentrado del núcleo del poder, *Crowd Recycling*

María Zozaya-Montes

14.1. Un proyecto de reciclaje quiere ser el núcleo de la red

Cuando en 2014 concebí el proyecto de reciclaje y sustentabilidad *Crowd Recycling*, contemplé la posibilidad de ir estudiando todos los aspectos que fuera publicando en su página web. Una vez que el proyecto fue tomando cuerpo, conforme se iba desarrollando con aulas en una escuela con grupos excluidos de la sociedad, a la par que difundiendo y ampliando en las propias redes virtuales, percibí cómo los canales personal y virtual aparentaban estar completamente desvinculados en la difusión, en el impacto del proyecto y en las realidades que conseguían abarcar. La presente investigación intenta medir el alcance del proyecto a través de las redes de ambos canales de difusión, virtual y personal, pero teniendo en cuenta que siempre se ha focalizado en espacios separados de los núcleos de poder.

Para ello, las presentes páginas abarcan varios aspectos. Primero, se plasman los objetivos del proyecto: mostrar las técnicas de reciclaje, concienciar a la ciudadanía y difundir conocimientos sobre prácticas sustentables. En segundo lugar, se tratan sus canales de acción. Por un lado, el virtual. Se analiza la página *Crowd-Recycling* <https://crowdrecycling.wordpress.com/> y los respectivos *Pinterest*, *Facebook* y *Twitter*. Se estudia su repercusión sobre la base de estadísticas digitales, mostrando resultados en un plano local e internacional (2014-2018). Por otro lado, se centra en la vía de transmisión personal, de aulas y tutoriales. Para abordar las redes de difusión personal se toma la categoría de *brokers* (Boissevain, 1978) que aquí es derivada conforme a las necesidades de presente análisis de redes (Zozaya, 2007). La clave es que la red parte de los grupos descentrados de los núcleos de poder: por impartir aulas en colegio con alumnos con diversos grados de exclusión de la sociedad, por realizar *workshops* locales en barrios desfavorecidos, o – en un plano geográfico – por desarrollarlo en Évora, ciudad de provincias portuguesa de pocos habitantes. En tercer lugar, se contrastan ambas vías de difusión virtual y personal. Se plantea la teoría sobre la fuerza de los denominados *lazos débiles* (Granovetter, 1973), así como el alcance de los *lazos fuertes*, aquí constituidos por las relaciones de vecindad y convivencia cotidiana.

14.2. El *habitus reciclar* de *Crowd Recycling*, sus objetivos y fuentes

El proyecto de reciclaje sustentable *Crowd Recycling* fue ideado y diseñado por María Zozaya en 2014. Su nombre, escrito en una de las lenguas más universales del planeta, remite al doble objetivo de conseguir tanto una multitud recicladora como el reciclaje global. Considera que sólo con esa acción colectiva se puede mejorar el medio ambiente a corto y a largo plazo. Resume sus tres claves principales con el prefijo Re-: reduce, reutiliza, recicla. Su mayor finalidad es crear el *habitus reciclar*, modificando la definición de Bourdieu (1979), para promover un conjunto de prácticas diarias asociadas al reciclaje y la reutilización que sean aprehendidas y repetidas diariamente hasta conseguir que formen parte de la vida cotidiana distinguida.

El objetivo altruista de *Crowd Recycling* es concienciar a la ciudadanía sobre la necesidad del desarrollo sostenible. Para ello, difunde conocimientos relativos a prácticas de reutilización y ahorro energético de raíz histórico-antropológica, e incide en la necesidad de mantener un equilibrio con el medio ambiente a través de acciones cotidianas. Alerta sobre el elevado consumo de material reutilizable que es desechado a diario. Incentiva la faceta creativa y lúdica, pues insiste en la necesidad de emplear el ingenio para reconvertir objetos. Pretende mentalizar sobre la importancia de tener en cuenta el contexto y los medios físicos autóctonos de cada comunidad, para hacer un reciclaje a la medida del entorno, que permitirá una viabilidad sostenible local. Quiere sembrar en los jóvenes la idea de que el futuro del planeta está en sus manos y las de los coevos que nos rodean. Conciencia de la importancia del papel individual, mediante la premisa de que cada cual puede implicarse realizando pequeñas acciones cotidianas que implican cambiar hábitos cuyo efecto es acumulativo, y cuyo resultado en el impacto ambiental puede verse a corto y medio plazo.

Un elemento esencial en el proceso de gestación de la filosofía del proyecto nació cuando la autora escuchó en directo en la *London School of Economics and Political Science* al sociólogo Anthony Giddens, hablando sobre la necesidad de encontrar una tercera vía que permitiese un desarrollo sostenible en 1998. Su hipótesis *The third way* (Giddens, 2008, pp. 8-60) proponía un cambio político que casase con la ecología de un mundo moderno actual, y demostraba que las líneas tradicionales de potenciar el capitalismo conducen al fracaso medioambiental. De sus teorías *Crowd Recycling* toma

la vertiente social, que propone renovar los conceptos de la relación del individuo con el entorno y el contexto que le rodea, para, a través de la acción personal, moderar el impacto colectivo en la sociedad inmediata. Apoya igualmente las tesis del decrecimiento (Taibo, 2016) y aquellas que cuestionan el desarrollismo por su forma de aplicar modelos ideales con técnicas ineficientes que procuran evolucionar el resto de sociedades sin contemplar su viabilidad bajo la óptica autóctona (Granovetter, 1979).

Para *Crowd Recycling* la movilización hacia un sistema sostenible puede ser mayor por el efecto de la aldea global, siguiendo los preceptos de McLuhan (1962, 2017). Esto es, el planeta comunicado a escala mundial, donde cada persona está en su aldea preocupado por las cuestiones que tienen lugar en otras partes distanciadas del globo como si fueran propias, puede convertirse en un espacio de recicladores sin fronteras. Si a ello suma la capacidad ofrecida por el campo virtual, multiplica la posibilidad de difundir sus objetivos recicladores a todos los lugares de esa aldea global. *Crowd-Recycling* se apoya en sistemas de inteligencia colectiva que, aplicados estratégicamente (Ekpe, 2009, pp. 1-3) cuando se potencian con el mundo virtual, desde cualquier lugar se pueden ver, asumir y desarrollar conocimientos técnicos de personas de partes del mundo que nunca conocerán. Entre ellas, destacan plataformas digitales (*ideas 4 all*), vídeos tutoriales en canales *YouTube*, y diversos enlaces web que se recogen en su página www.crowdrecycling.wordpress.com, que además intenta utilizar tales medios para difundir sugerencias de reciclaje, y emplear las redes sociales para potenciar su impacto informativo.

Para implementar los mencionados objetivos de reciclaje con su filosofía sostenible globalizadora, concienciando a la ciudadanía y difundiendo prácticas sustentables de raíz antropológica, el proyecto *Crowd-Recycling* se basa en dos medios: el personal y el digital. Los considera esenciales y complementarios para movilizar habilidades y divulgar conocimientos en materia de reciclaje que puedan pasar a enriquecer la denominada inteligencia colectiva (Levy, 1997). La cuestión es si con esos medios se consigue generar grupos de recicladores conectados en red, que en el fondo pueda ser una multitud solitaria de recicladores, retomando la *Lonely Crowd* de Riesmann (1953). Es decir, que individuos puedan formar parte de aquella red virtual común que comparte saberes, pero que en definitiva estén reciclando solos, caso en el cual indicaría que el proyecto – tal vez por delegar el fuerte rol personal – no ha conseguido crear ni una red sólida y densa ni capital social (Putnam, 1995).

14.2.1. La vía de difusión personal en un proyecto descentrado del poder

De las dos vías principales de transmisión del proyecto *Crowd-Recycling*, virtual y personal, consideramos esencial esta segunda. En un plano sociológico ya ha sido destacada la relevancia del contacto particular para generar redes en la época contemporánea (Maíz, 1994). Incluso en medios donde conceden máxima importancia a las redes sociales virtuales, como las empresas de Sillycon Valley, se prefiere el encuentro y la reunión al intercambio de informaciones por internet o impersonales (Alvay, Salzer & Butcher, 2016). En ese modelo de empresa ya se ha llamado la atención sobre la importancia del rol que cada persona adquiere en la red (Ferrary & Granovetter, 2009, pp. 328-332). Precisamente en esos términos cualitativos el proyecto *Crowd Recycling* valoriza la vía personal como una de las principales formas de acción, y otorga un rol equivalente a todos los agentes que reciben tutoriales personales, quedando como garantes individuales de cumplir el proyecto de forma cotidiana.

La acción personal principal del proyecto se basó inicialmente en impartir 30 sesiones didácticas siguiendo el modelo de conferencia participativa, que recibirían los alumnos de la *Escola Manuel Ferreira Patricio* (EMFP) de la ciudad de Évora, en el curso del año lectivo 2014 a 2015. La profesora Maria João Silva (EMFP) fue un vínculo esencial para establecer el contacto institucional con la EMFP, y por compartir lazos de amistad con la autora es aquí considerada un lazo fuerte. Con dicha escuela hubo que firmar un protocolo de colaboración con el CIDEHUS, de la Universidad de Évora donde trabajaba la autora del proyecto. Según el compromiso establecido, la doctora en Historia María Zozaya impartiría 30 aulas a los alumnos con problemas de integración social, bajo la directa supervisión del tutor Silvino Alinho (EMFP).

Los contenidos pedagógicos de las sesiones concernían al mundo social y cultural, en materia de *Historia y Filosofía de la sustentabilidad contemporánea*. Aparte de la formación teórica, se buscaba fomentar prácticas cotidianas de reciclaje, compendiadas en la web de *Crowd Recycling*. Los grupos escogidos fueron alumnos adolescentes – denominados – «con problemas» de integración social: en un primer momento, con grupos excluidos de la sociedad por su raza gitana (*PIEFS*, de 15 a 17 años de edad); en un segundo momento, con alumnos en riesgo de exclusión social (*voluntarios*, de 13 a 16 años). Además, otras acciones extraordinarias tuvieron lugar en

talleres con adultos y con niños, en barrios periféricos de Évora (*Junta de Freguesia da Malagueira e Horta das Figueiras*, 2015-2016), y en asociaciones privadas de carácter cultural o altruista (*Cruz Vermelha y Sociedade Harmonia Eborensis*, 2015-2016).

Crowd Recycling se diseñó desde el inicio para vincularse a núcleos descentrados del poder. No se sitúa en redes de influencia ni relaciona contactos que puedan ayudar a conseguir cualquier bien por vía informal (Wolf & Banton, 1958). Además, su mapa de acción se radicó en la región portuguesa del Alentejo, desfavorecida económicamente. También estableció sus labores públicas desde puntos descentrados del poder, ya que nunca fueron apoyadas ni publicitadas de una manera directa por las autarquías ni instituciones principales de la ciudad, lo cual forma parte de su estrategia para mantenerse independiente y libre en contenidos, incluso críticos contra la política urbana contraria al mundo ecológico. Igualmente a nivel personal, por volcarse en aulas para jóvenes en riesgo de exclusión de la sociedad o en barrios con bajo índice de renta per cápita (*Malagueira y Horta das Figueiras*).

En un plano geográfico, las acciones de *Crowd Recycling* han estado alejadas de los núcleos de poder nacional, en zonas de dimensiones reducidas con encuadramiento secundario en la nación portuguesa. Évora es una subregión del Alentejo que cuenta con 55.600 habitantes: de los aproximadamente 10.000 censados dentro de sus 4 kilómetros cuadrados de murallas, viven sólo 5.000; residen 20.000 en la Malagueira, 10.000 en las afueras, y otras 10.000 pertenecen a diócesis de esta subregión (INE, 2013). Por sus dimensiones la ciudad fue considerada esencial para intentar seguir los diversos grados de difusión del proyecto. Asimismo, se pensó que el marco local podía proporcionar un seguimiento personalizado de los primeros avances de la difusión de la red personal (y que se reflejaría en la virtual). La misma cuestión proporcionaba el encuadramiento secundario en la escuela EMFP y del barrio de la *Malagueira*. La actuación en focos pequeños estaba planeada como una estrategia para conseguir mayor índice de impacto social, buscando medir la capacidad de acción personal real. La faceta de realizar diversas acciones educativas como clases y acción tutorial se reveló como una faceta esencial del proyecto en su primer año de lanzamiento, porque al ser con grupos excluidos de la sociedad concedían mayor peso al vínculo directo, que era traducido en contactos que contrarrestaban las carencias afectivas de los alumnos, o en lazos positivos que enriquecían las buenas relaciones.

14.2.2. La red social virtual, vía de difusión internacional del proyecto

Respecto a la vía de acción virtual, *Crowd Recycling* cuenta con una *web* y las principales redes sociales virtuales, *Facebook* y *Twitter*. Conforme conseguimos extraer más informaciones para aplicarlas a este estudio, consideramos que la importancia del recurso al mundo digital es que ofrece estadísticas y medidores externos e internos, lo que permite analizar el fenómeno de creación de la red y su difusión. Estos recursos plasman los adeptos, los seguidores, el número de visitas desde su creación por meses y por fechas concretas, los cuales se pueden relacionar directamente con las noticias publicadas. Asimismo, refleja referencias geográficas que pueden asociarse con estrategias de difusión personales y con las redes amicales de la autora, sean lazos débiles o fuertes, dependiendo de si se trata del plano local, nacional e internacional. De cualquier modo, el hecho de que este proyecto desenfocado del poder adquiriera una dimensión mundial – tal y como reflejan los diversos mapas de visitas de la *web* –, se debe al soporte virtual. Si bien hasta la fecha la vía de difusión de información más eficiente en términos cuantitativos ha sido internet, dudamos absolutamente de que sus efectos cualitativos consigan construir una verdadera comunidad de recicladores.

Respecto al primer formato digital del proyecto, en julio de 2014 salió a la luz el *site* <http://crowdrecycling.wordpress.com/> de la nube gratuita *wordpress*. En noviembre de 2015 recibió el ISSN 2444-7285, y en noviembre de 2016 creó el *slider* homónimo <http://crowdrecycling.wordpress.com/>. Desde julio de 2014 hasta abril de 2018 publicó 24 entradas y 26 páginas. Fue visitada desde 15.800 ordenadores – según el contador externo de *wordpress* –, un total de 17.700 veces – según la estadística externa del *Flag counter* –, desde 88 países del mundo y con banderas de 132 regiones. Tales números reflejan el aparente impacto del proyecto a escala global. En cuanto a las procedencias desde su creación en 2014, como abundaban las de Portugal y España, deducimos que al inicio la red fue dinamizada por los lazos fuertes de la creadora del proyecto: sus amigos y conocidos. En un segundo momento, los lazos débiles propulsaron el crecimiento geométrico exponencial, pues se expandieron en un radio mundial con apenas lazos con la autora. En la actualidad, el número y la cantidad de visitas total remite a una red cuya parte principal no tiene contacto con ella, pues sobrepasa con creces sus lazos personales, y la densidad de la red no se traduce en cohesión

interna. Desde febrero de 2018 se instaló un mapa externo de registro de procedencias que, hasta abril de 2018 reflejó 570 visitas de las que sólo un 10% provienen de lugares donde la autora reconozca tener lazos fuertes, y su mayoría parecen dinamizadas por *Facebook*.

En cuanto al segundo, el 19 de agosto de 2014 *@CrowdRecycling* se sumaba a la red social virtual por antonomasia *Facebook*, que sin embargo no ha sido la más eficiente en la difusión del proyecto. La ventaja de dicha plataforma es que contabiliza la red de seguidores, 315 hasta abril de 2018, y con 323 *likes* o «me gusta». Además, ofrece estadísticas internas que permiten realizar un seguimiento de la red de difusión de cada *post* o imagen colocada en el perfil o el muro. Como identifica con apellidos, permite ver el grado de conocimiento con las personas pertenecientes a la red, contrastar con los círculos de amistad inmediatos o desconocidos, y deducir en qué grado de afectividad se vincula con la autora del proyecto. Asimismo, puede contabilizarse esa relación de manera externa, pues cuando se abre un *Facebook* personal a la vez que la página web *CrowdRecycling*, muestra cuántos son amigos comunes. En este caso, ofrece un indicador del conocimiento de las redes virtuales cuando se contrasta con el de María Zozaya Montes, permitiendo detectar su grado de vinculación con los seguidores del proyecto, pues refleja que de los 323 *likes* de *Facebook*, 125 son amigos o conocidos, por lo que más de un tercio del apoyo del proyecto se puede atribuir a los lazos fuertes establecidos por su autora, que queda así como punto nodal de la red.

La tercera inserción en la red virtual fue el 28 de noviembre de 2016, cuando creó el correspondiente *Twitter* *@CrowdRecycling*, que hasta abril de 2018 ha conseguido 50 seguidores. De ellos, apenas 5 recibieron alguna tutoría presencial, y más del 70% son amigos de la autora o de su propio *Twitter*, pues de los 325 seguidores de *@ZozayaMaria* con que esta cuenta, 38 son comunes con dicho proyecto de reciclaje. El escaso éxito en términos numéricos puede atribuirse a la falta de dominio de la autora de esa red, con escasas técnicas para mantener la cuenta dinámica generando seguidores. Considera que su red no tiene densidad ninguna (Granovetter, 2005) y que nunca va a adquirir las características de una red robusta (Ferrary & Granovetter, 2009), ni en el plano virtual ni en el personal, en parte por el objetivo del proyecto de otorgar el papel de cada persona conforme su concienciación recicladora individual. Concluye que aunque haya un cambio de paradigma en las nuevas tecnologías es necesario tener un conocimiento de ellas para